



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6954 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT08 - Formação de Professores

EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA: A PRÁTICA DO ENSINO REMOTO NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES

Cristiane Regina Dourado Vasconcelos - Universidade de Coimbra

Jomária Alessandra Queiroz de Cerqueira Araujo - UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA

Educação em tempos de pandemia: a prática do ensino remoto na percepção de professores

PALAVRAS-CHAVE: Educação. Prática do ensino remoto. Percepção. Professores.

1 INTRODUÇÃO

O mundo contemporâneo tem oferecido novas formas de comunicação, interação e processos de ensino e aprendizagem à medida que a evolução tecnológica tem nos apresentado, de forma acelerada e irreversível, novos dispositivos, conectividades de alto padrão, entre outras tantas possibilidades inovadoras.

Nesse sentido, é possível afirmar que, os processos de interação e de ensino-aprendizagem sofreram reformulações a partir de fenômenos como a criação da Rede Mundial de Computadores (1969) e da ampliação de sua velocidade e capacidade depositária (a partir da década de 1990, no Brasil).

Tais fenômenos contribuíram para a reformatação das relações humanas, nos vieses comunicacionais, profissionais, de construção do conhecimento e de formas de manifestação. Assim, eles suscitaram a ideia de relativização do tempo e do espaço, difundindo e popularizando o conhecimento e ampliando os mecanismos de participação no processo educativo.

Diante de tais fenômenos, estudiosos como Mercado (1999), Lévy (1999), Pereira, Schmitt e Dias (2007), Santos (2015), Couto, Ferraz e Pinto (2017), entre outros, vêm defendendo a urgência de reformular a trajetória dos procedimentos e instrumentos didáticos, dentro das instituições educativas na perspectiva de: promover inovações na educação com o uso das tecnologias em sala de aula; ampliar as bases curriculares para a formação discente e docente; discutir a necessidade da formação tecnológica para docentes como via para

potencializar o trabalho.

As demandas apontadas pelos autores citados alcançaram maior precisão diante do súbito isolamento social, causado pela pandemia da COVID-19, que impôs à sociedade a revisão conceitual e procedimental para estabelecer prioridades e garantir direitos, entre eles, o direito à educação não presencial. A formação docente para o uso das tecnologias digitais tem sido relevante no palco das pesquisas e políticas atuais.

Neste aspecto, este texto apresenta resultados de uma pesquisa fenomenológica, desenvolvida com vinte professores da Educação Básica, que atuam em escolas particulares de Salvador/BA, cujo objetivo principal foi analisar, no contexto, qual a percepção destes profissionais com relação à prática do ensino remoto.

A metodologia utilizada teve como base a pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, apoiada na revisão de literatura e pesquisa de campo, com aplicação de questionários aos professores.

A escolha da abordagem qualitativa foi baseada nos estudos de Yin (2016), o qual defende que, em primeiro plano, a pesquisa qualitativa envolve estudar o significado da vida das pessoas, dentro das condições em que realmente vivem e que, ao relatar alguma coisa, os participantes tendem a externar suas percepções, aspirações, crenças e, até mesmo, seus comportamentos.

Também foram considerados alguns pressupostos da pesquisa qualitativa descritos por Creswell (2014), pois os instrumentos aplicados foram criados pelos pesquisadores, constando de perguntas abertas. Também foram construídos significados a partir dos relatos dos participantes.

Nesse sentido, a coleta dos relatos dos professores e sua interpretação à luz da análise de conteúdo permitiram identificar as principais dificuldades enfrentadas por estes profissionais diante da prática do ensino remoto e, assim, ampliar as discussões no âmbito das universidades e entidades educacionais. O uso desses direcionamentos procedimentais coaduna com a proposta de verificação e validação de hipóteses Minayo (2001). Neste caso, sobre a insuficiência da formação docente para atender as demandas de um cotidiano escolar não presencial, determinado pelas circunstâncias pandêmicas.

A partir da análise dos dados, inferimos que, a percepção destes professores sobre a prática do ensino remoto, de maneira geral, alude para as lacunas formativas pré-existentes, assim como, para os desafios e conquistas pessoais, profissionais e sistêmicas ocorridas nos primeiros meses da década de 2020. Salientamos que, na apresentação dos relatos, os professores participantes são identificados por nomes de pedras preciosas.

2 DO ENSINO PRESENCIAL AO REMOTO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

No Brasil, políticas públicas educacionais apontam para o uso das tecnologias na Educação como estratégias pedagógicas para atingir os fins educacionais desejados, quais sejam: melhoria da qualidade da educação; aprendizagem significativa dos alunos; inovação na educação; e, atendimento às necessidades dos novos aprendizes que facilmente manejam dispositivos tecnológicos. O Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 e a Política de Inovação Conectada são exemplos destas políticas.

Contudo, estudiosos, a exemplo de Couto, Ferraz e Pinto (2017), vêm sinalizando que os currículos escolares não atendem às necessidades e expectativas dos novos estudantes que vivem numa sociedade de rede, apontando para a descontextualização educativa diante dessa

conectividade. Estes autores asseveram que a escola ainda opera na era analógica, enquanto os estudantes transitam na era da cultura digital. Diante disso, Mercado (1999) já defendia que esta situação poderia estar associada à insuficiência da formação de professores para enfrentar as exigências das novas tecnologias. Em face dessas colocações, percebemos o quão atual e evidentes são as observações deste autor.

Como afirmam Moreira, Henriques e Barros (2020), a suspensão das atividades letivas e a necessidade de garantir a continuidade de estudos obrigaram professores e estudantes a migrarem, inesperadamente, para a realidade de atividades online, transferindo e transpondo metodologias e práticas pedagógicas típicas dos territórios físicos de aprendizagem, para o que tem sido denominado de ensino remoto de emergência. Entretanto, como os professores darão conta desta nova realidade se não tiverem competências essenciais para validar a prática? E ainda, como elaborar e operar uma proposta de formação docente, tão imediata quanto a transição do modelo presencial para o modelo remoto? A resposta inicial para estas questões estão situadas na prática do improviso.

Nesta fase de transição, alguns professores se transformaram em youtubers, tendo que gravar videoaulas e utilizar sistemas de videoconferência, como: Skype, Google Hangout; Zoom, entre outros, e plataformas de aprendizagem, como: Moodle, Microsoft Teams; Google Classroom, etc., muitas vezes, sem terem sido instrumentalizados para estas tarefas. No entanto, as tecnologias não podem ser utilizadas numa perspectiva meramente instrumental, é urgente e necessário transitar deste ensino remoto de emergência, importante neste momento, para uma educação digital em rede de qualidade (MOREIRA, HENRIQUES E BARROS, 2020).

Por outro lado, levando-se em conta o momento em que estamos vivendo, Silva (2020) afirma que além de tentar transformarem-se em youtubers em tão pouco tempo, devido às cobranças por seus empregadores, estudantes e seus familiares, os educadores estão, em sua maioria, tendo que disputar em seus próprios lares um lugar reservado para o trabalho. O autor também pontua alguns esclarecimentos e orientações a exemplo de: a) o momento não é de Educação a Distância, o que estamos vivendo é um contexto de Ensino Remoto Emergencial; b) este não é um momento de normalidade; c) não sejamos tão exigentes como se estivéssemos vivendo tempos normais; d) devemos compreender que todos nós estamos nos adaptando aos novos tempos.

3 RESULTADOS DA PESQUISA

Participaram da pesquisa vinte professores que atuam em diferentes escolas particulares de Salvador/BA, tendo uma maior representatividade feminina: 19 participantes do sexo feminino e apenas um participante do sexo masculino.

Quanto a faixa etária, a maioria dos participantes tem mais de trinta anos de idade, sendo que a faixa etária com maior número de professores é a de mais de 51 anos de idade. Apenas uma participante está na faixa de 26 a 30 anos.

Com referência ao tempo de atuação em sala de aula, a maioria dos professores tem vasta experiência na docência, pois mais da metade dos participantes atuam em sala de aula há mais de 11 anos. Dos 20 professores participantes da pesquisa, 13 têm mais de 11 anos de experiência em sala de aula, 06 tem entre 6 a 10 anos de tempo de atuação e apenas 01 tem menos de seis anos na docência, porém é a participante com menos idade.

O quadro 1 apresenta em qual etapa de ensino os professores lecionam.

Quadro 1: Distribuição dos professores por etapas de ensino.

ETAPA DE ENSINO	PARTICIPANTES
Ensino Fundamental II	07
Educação Infantil e Ensino Fundamental I	04
Educação Infantil	03
Ensino Fundamental I e II	03
Ensino Fundamental I	02
Ensino Médio e Ensino Fundamental I	01

Fonte: Elaboração própria.

Quanto à formação inicial, dos 20 participantes, 12 são licenciados em Pedagogia e os outros oito têm outras licenciaturas. O quadro 2 apresenta a formação inicial dos participantes, por licenciatura.

Quadro 02: Formação dos participantes, por licenciatura.

LICENCIATURA	PARTICIPANTES
Pedagogia	12
Ciências Biológicas	02
História	02
Matemática	02
Letras Vernáculas	01
Geografia	01

Fonte: Elaboração própria.

Ainda sobre a formação dos participantes, percebe-se, acerca da maior titulação, que 09 participantes têm apenas a formação inicial e 11 têm especialização.

Foi investigado se durante o isolamento social estes professores estão ministrando aulas fora do ambiente da escola. Apenas dois participantes não estão trabalhando remotamente. Os demais (18) estão praticando o ensino remoto.

Com o objetivo de verificar se os professores estavam preparados para a prática do ensino remoto, foi perguntado se eles tiveram alguma formação que envolvesse a aprendizagem sobre uso das tecnologias na educação. Apenas 03 participantes responderam que sim e que esta formação se deu por iniciativa própria.

Também foi perguntado aos professores se durante a pandemia da COVID-19 eles tiveram alguma formação para o ensino remoto. Dos 20 participantes, apenas 06 tiveram esta formação, sendo que três participaram de uma formação por iniciativa e financiamento próprios e os outros três, por iniciativa da escola onde trabalham. Vale ressaltar que dentre estes seis participantes, dois não estão ministrando aulas remotamente.

Os demais professores (14) não tiveram esta formação e estão praticando o ensino remoto.

4 A PERCEPÇÃO DOS PROFESSORES SOBRE O ENSINO REMOTO

Para coletarmos dados suficientes para a análise, foi perguntado aos professores se tiveram dificuldade com a prática do ensino remoto. Quatorze responderam que sim e apenas quatro não tiveram dificuldade. Constatamos que estes quatro professores, que não tiveram dificuldades, passaram pela formação para a prática do ensino remoto. A figura 1 apresenta as dificuldades encontradas pelos professores.

Figura 1. Dificuldades dos professores, na prática do ensino remoto.



Fonte: Elaboração própria.

As dificuldades mais sinalizadas pelos professores recaem sobre: falta de capacitação (13); falta de concentração, por parte dos alunos (09); dificuldade de adaptação a esta nova modalidade de ensino (08); internet lenta (08); dificuldade de participação dos alunos (04); dificuldade em gravar e compartilhar vídeos (03); computador lento (03); falta de tempo para a correção de atividades (02); e dificuldade com o uso das diversas ferramentas digitais (01).

É possível afirmar que a falta de capacitação gerou muita dificuldade para os professores, pois a ausência de formação demonstra falta de conhecimento e isto pode ter dificultado a adaptação a esta mudança inesperada de ambientes e forma de ensinar. Associado a isto, acreditamos que, em uma sociedade na qual a informação e a comunicação são as principais engrenagens que movem as relações no mundo, o desenvolvimento de competências na formação docente merece um olhar especial. Para além disto, o investimento em cursos de treinamento para o uso de determinadas tecnologias é insuficiente. Mais que isso, é necessário investir, também, em formação para o uso didático dos recursos tecnológicos” (MODELSKI; GIRAFFA; CASARTELLI, 2019).

Os dados mostram que é possível que os estudantes também tenham tido dificuldades de adaptação, dada à incidência de sinalização, por parte de alguns professores, sobre a dificuldade de concentração e também de participação dos alunos.

Ainda foram coletados alguns relatos, descritos a seguir, que tratam sobre a qualidade do ensino e desenvolvimento das atividades docentes.

O aplicativo escolhido para ministrar essas aulas não corresponde às necessidades, muito menos supre as demandas que vão surgindo no decorrer das aulas. Observo que não está totalmente adequado ao ensino remoto. As ferramentas de devolutiva das atividades dos alunos ainda está em fase de aprimoramento. (ESMERALDA).

Não ter um espaço para melhor fazer os vídeos e, também, para organizar os mesmos (AMESTISTA).

Importante sinalizar que duas professoras relataram que a falta de apoio de alguns pais no auxílio e acompanhamento das atividades em casa, tem sido um fator dificultador neste processo.

Foi solicitado aos professores que falassem um pouco sobre a experiência com o ensino remoto. A figura 2 sintetiza as respostas de alguns professores.

Figura 2. Experiência dos professores, na prática do ensino remoto.



Fonte: Elaboração própria.

A análise da figura permite-nos afirmar que esta experiência tem sido cansativa, desafiadora, difícil e, até mesmo, desgastante para muitos professores. Os relatos descritos corroboram com esta afirmação:

Experiência complexa. Não estávamos preparados para tal situação, muito delicada. Observa-se que tanto os alunos, quanto os pais estão tentando se adaptar a este sistema de ensino e que envolve muitos contratempos, seja na conexão ou na pouca intimidade com o uso da tecnologia (ESMERALDA).

Inicialmente foi desesperador, por não ter conhecimento a respeito da plataforma. Crises de ansiedade, choro, insegurança quanto aos comandos na plataforma. Hoje estou mais tranquila, porém incomodada (ÁGATA).

Hoje já estou um pouco mais tranquila e dominando as ferramentas. Porém, no início foi muito difícil e sofrido (TURMALINA).

Tenho enfrentado muita dificuldade uma vez que nem professor e nem família estavam preparados para essa nova rotina. Hoje mais não, mas no início da pandemia, quando foi informado para a equipe docente da minha escola que passaríamos a ministrar aulas remotas online, fiquei muito nervosa a ponto de aumentar a minha pressão (LÁPIS-LAZÚLLI).

Vivo com medo das oscilações da internet, sinto que o conhecimento só chega para os que estão tendo um maior acompanhamento e/ou aqueles que têm iniciativa e os que tinham dificuldades em relação a aprendizagem ou até a comunicação são completamente esquecidos (SAFIRA).

Por outro lado, a experiência de três professores com a prática do ensino remoto tem sido positiva, conforme os relatos a seguir:

Está sendo uma experiência boa. No início senti um pouco de dificuldade. Não está sendo melhor porque não tenho disponibilidade de material para expor nas aulas. Só tenho material dourado. E também a ausência de alguns alunos me preocupa (JADE).

Apesar de não ter muita experiência com a tecnologia, consigo fazer as videoaulas meus alunos, mas tenho ajuda de uma amiga (QUARTZO).

Um desafio constante. Buscando inovar a cada dia para tentar amenizar os impactos inevitáveis na vida dos educandos (RUBELITA).

Por último, foi perguntado aos professores sobre como eles avaliam o ensino remoto. A figura 3 apresenta uma análise geral das respostas obtidas.

Figura 3. Avaliação dos professores, sobre o ensino remoto.



Fonte: Elaboração própria.

Apresentamos, ainda, relatos de alguns participantes que são importantes para esta análise e discussão.

Importante para o contexto atual, mas não acho que dê certo para a maioria, pois nossos alunos ainda não estão nesse nível de autonomia de estudar sozinhos em casa (RUBI).

Há uma extrema necessidade de aprimoramento, repensar a educação com a tecnologia também após a pandemia seria de extrema urgência, repensando também a formação para os envolvidos (ESMERALDA).

É uma resposta possível para o ensino nesta época de pandemia, mas ainda está distante do ideal (SAFIRA).

Como uma possibilidade de aprendizado, mas que apresenta e deixa muitas lacunas no processo ensino aprendizagem (OLHO DE TIGRE).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do contexto de pandemia, percebe-se que ainda existem diversas dificuldades, por parte dos professores, em lidar com a realidade tecnológica. Estes profissionais passaram a desenvolver suas atividades por meio remoto com todos desafios que a situação impõe, como por exemplo: o isolamento e distanciamento social; responsabilidade própria de providenciar equipamentos e conexão para o desenvolvimento das aulas; além da falta de conhecimentos necessários para esta nova forma de trabalho.

Vale ressaltar que a carga horária, muitas vezes, tem sido extrapolada em relação ao tempo de atuação em sala de aula, causando um estresse e sobrecarga ao trabalho docente, que pode comprometer o desempenho deste profissional.

Importante também considerar que alguns profissionais da educação estão buscando, neste momento, reinventar sua prática, aprendendo novas estratégias que, certamente, irão contribuir de forma efetiva quando do retorno às atividades presenciais.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto-lei nº 9.204, de 23 de novembro de 2018. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, n. 225, 24 nov. 2018. Seção 1, p. 41.

BRASIL, Ministério da Educação. **Portaria N° 1.602**, de 28 de dezembro de 2017. Dispõe sobre a implementação, junto às redes de educação básica municipais, estaduais e do Distrito Federal, das ações do Programa de Inovação Educação Conectada, instituído pelo Decreto no 9.204, de 23 de novembro de 2017. Brasília, DF, 2017.

CRESWELL, Jonh W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**: escolhendo entre

cinco abordagens. Tradução Sandra Mallmenn da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

COUTO, Edvaldo Souza; FERRAZ, Maria do Carmo Gomes; PINTO, Jucinara de Castro Almeida. Tecnologias digitais e a promoção da eficácia e da equidade no contexto escolar. **Textura**, v. 19 n.40, maio/ago.2017

MINAYO, Maria. Cecília. S. (Org.). (2001). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre. Penso, 2016.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias**. Maceió: Edufal, 1999.

MODELSKI, Daiane; GIRAFFA, Lúcia M. M.; CASARTELLI, Alam de Oliveira. Tecnologias digitais, formação docente e práticas pedagógicas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 45, e180201, 2019.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Suzana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. **Diologia**. São Paulo, n. 34. P. 351-364, jan/abr. 2020.

PEREIRA, Alice T. Cybis; SCHMITT, Valdenise; DIAS, Maria Regina Álvares C. Ambientes Virtuais de Aprendizagem. **In**: PEREIRA, Alice T. Cybis. (org.). **AVA - Ambientes Virtuais de Aprendizagem em Diferentes Contextos**. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2007.

SANTOS, Edméa. **A mobilidade cibercultural: cotidianos na interface educação e comunicação**. Em Aberto, v. 28, n. 94, 2015.

SILVA, Jocimar Souza. **O ensino remoto emergencial em contexto da pandemia**. Abril, 2020. <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/ensino-remoto-emergencial-em-contexto-de-pandemia> Acesso em 16/08/2020.